



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociologia da Educação

Sinop, v. 9, n. 3 (25. ed.), p. 935-945, nov./dez. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

UMA ANÁLISE SOBRE AS DISCUSSÕES DE GÊNERO NO CURSO DE PEDAGOGIA¹

AN ANALYSIS ON GENDER DISCUSSIONS IN THE PEDAGOGY UNDERGRADUATE

Flávia Natayane dos Santos Lins

RESUMO

Este artigo problematizou as questões de gênero e as vivências de acadêmicas no curso de Pedagogia, Câmpus de Sinop da Universidade do Estado de Mato Grosso. Se propôs a analisar as ementas do curso de Pedagogia em relação às discussões de gênero e as formas que foram abordadas em sala de aula. Fundamentou-se teoricamente em Janes Soares de Almeida e Tomaz Tadeu da Silva no processo de compreensão do currículo e sua influência social. Constatou-se a importância destas discussões para a formação político-crítica das acadêmicas e que, embora sejam questões muito debatidas atualmente, o curso em questão não promove com devida ênfase debates relacionados com estas problemáticas.

Palavras-chave: Curso de Pedagogia. Currículo. Gênero. Formação.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O CURRÍCULO DO CURSO DE PEDAGOGIA: uma análise sobre as discussões de gênero**, sob a orientação da professora Ma. Ivone Alexandre de Jesus, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/2.

² Resumo traduzido pela Mestra Betsemens B. de Souza Marcelino, Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop, Mestra em Estudos da Linguagem pela UFMT/Cuiabá. Graduada em Licenciatura Plena em Letras-Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop.

This article has problematized gender issues and academic experiences in Pedagogy undergraduate course from the Mato Grosso State University, campus of Sinop city. It was proposed to analyze the syllabus of the Pedagogy course regarding the gender discussions and the ways they were addressed in classroom. Concerning to the process of understanding the curriculum and its social influence, the research was theoretically based in Janes Soares de Almeida and Tomaz Tadeu da Silva. It was noted the importance of these discussions for the political-critical education of the academics and that, although they are much debated issues today, the course under study does not promote debates related to these problems with due emphasis.

Keywords: Pedagogy Undergraduate course. Curriculum. Gender. Education.

Correspondência:

Flávia Natayane dos Santos Lins. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: flavianslinsp@gmail.com

Recebido em: 20 de setembro de 2018.

Aprovado em: 27 de setembro de 2018.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3333/2387>

1 INTRODUÇÃO

A desigualdade econômica brasileira cresce nas comparações relacionadas à instrução acadêmica de cada gênero: as mulheres são as que mais têm escolaridade, são as que mais buscam ensino superior e tem maior expectativa de vida. No entanto, em relação ao salário, elas recebem menos que os homens, sendo que, segundo Renato Meirelles (2016), presidente do Instituto Locomotiva, a média da renda per capita da mulher é de 66,2% inferior à deles.

Para analisar esse quadro, o Fórum Econômico Mundial divulgou que o Brasil foi um dos poucos países a reduzir a desigualdade de gênero em áreas como saúde e educação entre 2006 e 2015. Essa realidade nos levou a questionar como a universidade lida com essa temática e quais as estratégias que alguns professores e professoras utilizam para abordar este tema em suas aulas.

Existe uma feminilização do magistério vigente há muito tempo. Portanto,

como podemos nós mulheres ainda educarmos para esse pensamento machista e sexista? Nas esferas do poder somos minoria, mas maioria na escolarização das crianças, de muitos garotos e de futuros homens que estarão no poder decidindo leis, tomando decisões que afetam muitas pessoas de grupos minoritários, inclusive educam muitas mulheres. Há de se questionar que educação é essa que não rompe esse ciclo de exclusão que tem origem nas desigualdades de gênero.

Discutiremos, deste modo, quais as causas que impossibilitam a reformulação do currículo caracterizado como conservador. O embasamento teórico nos elucidará às questões subjacentes à estruturação curricular que comumente omite a marginalização de grupos minoritários e evita as discussões pertinentes à inovação curricular educacional nas salas de aula da academia.

2 A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E AS EMENTAS DO CURSO

De acordo com Almeida (1998, p. 28-29), após um período de silenciamento e influenciadas pela segunda onda do feminismo, as mulheres viram que a profissão docente seria o meio pelo qual conseguiriam a independência e realização pessoal. E, apesar da evolução tecnológica que muitas vezes dificulta e negligencia a relação entre professores/as e alunos/as, as mulheres ainda se mantêm em sua grande maioria nos cursos de formação de professores. Por qual motivo, então, elas não se distanciaram da educação? E quais fatores políticos, econômicos e socioculturais mantiveram essa ocupação em alta no meio feminino ainda atualmente, sobretudo no Brasil? De acordo com Almeida (1998, p. 112):

Nas representações que elaboram acerca da profissão abraçada fica evidente que esta tanto foi resultado de uma escolha consciente como imposta por falta de outras opções profissionais, mostrando a necessidade que tiveram de adaptar as ambiguidades de um trabalho profissional com as formulações do casamento e da maternidade. Além disso, as histórias de vida das mulheres professoras podem revelar como foi sua luta cotidiana para dar sentido e significado às suas atividades e a forma como confrontaram o poder masculino.

Desta forma, apesar da evolução do papel das mulheres na sociedade, as instituições formativas mantiveram em suas práticas a visível divisão do que as estudantes podiam ou não aprender. No Brasil, início do século passado, às meninas

se ensinava apenas as atividades domésticas. Seus destinos eram ser donas de casa. Tempo depois a educação feminina era possibilitada apenas em colégios particulares, o que, conseqüentemente, somente as mais abastadas tinham a oportunidade de acesso. Percebemos o quão feminino é a docência e como o preconceito de gênero se alocou em determinadas profissões como a docente.

Hoje em dia, as mulheres têm à disposição muitas opções de carreiras profissionais que favorece as aspirações para além da docência. No entanto, a desigualdade de gênero e conseqüentemente o estreitamento de opções causado pela herança cultural atribuída às mulheres, estão enraizados também nas dinâmicas institucionais das universidades. De acordo com Silva (2007, p. 55):

O currículo é um local onde, ativamente, se produzem e se criam significados sociais. Deste modo, as condições de trabalho, os salários pouco suficientes e a função desvalorizada da docente fazem parte de uma lógica na qual se organiza o social e mantém os padrões de desigualdade estáveis.

Assim, observamos o fator decisivo para a desvalorização de uma profissão que majoritariamente é desempenhada por mulheres. Segundo estudo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgado em 2007 sobre a participação das mulheres no ensino superior brasileiro, elas estão predominantes em cursos universitários no país, isso nos instiga a pensar também que elas estão em grande número nos cursos de Licenciatura em Pedagogia.

Para refletir sobre a visibilidade da diferença buscamos no parecer do curso de Pedagogia, aprovado em 2006 pelo Conselho Nacional de Educação, o CNE, tópicos sobre o perfil idealizado de acadêmicos egressos do curso, um dos tópicos evidencia alguns fatores importantes para o desempenho da função docente. Segundo o parecer do Ministério da Educação (MEC, 2006, p. 9):

[...] demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras; [...].

Desta forma, destacamos a importância do estudo das diferenças no âmbito acadêmico e como muitas vezes o currículo não favorece o suprimento de demandas previstas em documentos que organizam as práticas pedagógicas das

universidades. As ementas do curso de Pedagogia nos possibilitaram a análise de algumas disciplinas citadas por acadêmicas do curso durante a realização das entrevistas que fizeram parte da pesquisa. Tanto as análises das ementas quanto o processo de entrevista de acadêmicas do curso, nos deram suporte para a melhor compreensão do que está priorizado ou negligenciado no currículo. Bem como a melhor clareza sobre o que a universidade proporciona durante o processo de formação inicial das mulheres licenciandas deste curso acerca das questões de gênero e diversidade.

Houve situações em que os conteúdos indicavam a possibilidade de promover discussões pertinentes e que poderiam se relacionar com temáticas sobre diversidade e diferenças, no entanto durante as aulas destas disciplinas não eram discussões recorrentes.

Em História Geral da Educação, por exemplo, aparece entre os conteúdos “A educação burguesa e as relações com a educação das mulheres”. Esta disciplina foi desenvolvida ainda nas primeiras fases do curso e os seus conteúdos fazem um apanhado geral dos acontecimentos mundiais que transformaram, no decorrer da história, a educação.

Pressupostos Teóricos e Metodológicos da Alfabetização I e II (Alfabetização e Letramento) foram as disciplinas mais citadas pelas acadêmicas durante as entrevistas. Apesar da aparente desconexão dessa área com os temas em questão e nenhuma disposição nas ementas sobre a importância de trabalhar diversidade durante as aulas, salvo pelo posicionamento político da professora e seus objetos de pesquisa, foi quase unânime a visibilidade que essa professora obteve por promover a reflexão sobre, inclusive, questões de gênero.

Analisamos as ementas e em Sociologia da Educação I e II estão dispostos os conteúdos que provavelmente provocariam a percepção sobre a divisão sexual do trabalho e papéis de gênero, como também a relação com a educação, por exemplo. Enquanto o outro subsidiaria as discussões sobre consequências sociais decorrentes da defasagem de oportunidades iguais.

3 AS ACADÊMICAS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Entrevistamos 6 (seis) acadêmicas ao todo, porém citaremos apenas 2 (duas) que, por meio de suas falas, nos possibilitaram refletir melhor sobre condições relacionadas à formação acadêmica de mulheres pedagogas. Quando questionada se havia sofrido, em algum momento, situações de depreciação relacionadas a condição de ser mulher, praticado por algum/a professor/a, vigilante ou colega na universidade, Rosa nos confessou:

(01) Rosa: Não consigo agora apontar pra você uma situação. Mas a gente sabe que existe. Talvez a gente precise estudar melhor isso. Nos aprofundarmos [...] e daí a gente vai saber distinguir realmente porque o preconceito acontece, às vezes não de uma forma escancarada mas ele vem mascarado, e aí é que tá. Porque quando a gente não estudou, a gente não consegue fazer as análises profundas que precisam ser feitas, então ele acaba acontecendo a todo o momento e às vezes a gente não percebe né?

A partir desta fala observamos que a acadêmica foi uma das poucas que se atentou às possíveis opressões sofridas diariamente pelas mulheres também no câmpus da universidade. Percebemos como isso pode ser sintomático quando pensamos na negligência das instituições por não promoverem a exposição clara de temas no currículo que promoveria a equidade de direitos entre os gêneros ou, no mínimo, a percepção dos problemas causados pela falta de diálogo sobre essas temáticas.

Quando perguntamos à Girassol se ela pensava em cursar Pedagogia desde o momento da escolha ou se foi sua segunda opção, ela nos relatou:

(02) Girassol: Eu queria fazer Direito aí eu não passei e fiz Pedagogia. Na verdade eu passei, mas era privado né e eu queria fazer público.

Desta forma, nos atentamos ao fator econômico das estudantes do curso e durante as entrevistas, a partir dos relatos destas acadêmicas, observamos que as graduandas desta formação inicial advêm de famílias menos favorecidas economicamente. O que evidencia a necessidade de ter a garantia do sustento como prioridade. Com a possibilidade de cursar o ensino superior, a qual foi

conquistada de forma massiva apenas no início do século XXI por camadas mais pobres da população brasileira, surge então a possibilidade de fazer Pedagogia, curso cujas funções atribuídas às pessoas que o desempenhara eram tradicionalmente desprestigiadas, contudo, ainda assim um curso superior. Para Apple (1995, p. 56):

É claro que às vezes as próprias tarefas associadas a uma ocupação reforçam a segregação sexual. Como a atividade docente, por exemplo, tem componentes de cuidar de crianças e servir, isso ajuda reconstituir sua definição como trabalho de mulher. E como 'nós' associamos cuidar de crianças e servir com menor qualificação e menor valor do que outros trabalhos nós revivemos assim as hierarquias patriarcais e as divisões horizontal e vertical do trabalho.

A origem familiar diz muito sobre as acadêmicas deste curso. Essas acadêmicas vêm de famílias em que comumente os pais não concluíram o ensino fundamental ou são analfabetos, por exemplo. Em uma pesquisa realizada pela pesquisadora Bernadete Gatti (2010), constata-se a importância deste fator para se analisar o perfil das pessoas que se matriculam no curso de Pedagogia, sobretudo as mulheres que são maioria:

No que se refere à *bagagem cultural* anterior, a escolaridade dos pais pode ser tomada como um indicador importante da bagagem cultural das famílias de que provêm os estudantes. Em um país de escolarização tardia como o Brasil, em torno de 10% deles são oriundos de lares de pais analfabetos e, se somados estes aos que têm pais que frequentaram apenas até a 4ª série do ensino fundamental, chega-se aproximadamente à metade dos alunos, o que denota um claro processo de ascensão desse grupo geracional aos mais altos níveis de formação. (GATTI, 2010, p. 1363, grifos da autora).

Diante desta colocação da pesquisadora, aludimos à nossa experiência de pesquisa que indica o que a professora diz: grande parte das acadêmicas entrevistadas confirmou que, por diversos motivos, seus pais eram pessoas pouco instruídas e que apenas trabalharam ao invés de estudar.

4 AUDIÊNCIA PÚBLICA ORGANIZADA PELA UNIVERSIDADE

Durante a pesquisa houve um caso de estupro de uma acadêmica da UNEMAT do câmpus de Sinop. A estudante de 25 anos, que se manteve em

anonimato, estava saindo da instituição de volta para casa quando foi abordada por um homem. A universidade organizou uma audiência para discutir a segurança pública e violência contra a mulher. Durante o evento a autoridade de segurança que representava o setor naquele momento, divulgou as condições de trabalho dos policiais. O tenente Ottoni Cezar Castro Soares enfatizou que devido ao crescimento da população e conseqüentemente da cidade, havia uma deficiência na quantidade de policiais disponíveis para ronda por todo município de maneira concomitante. Ainda assim, se comprometeu em disponibilizar policiais para fazer a segurança, nos horários de pico, das redondezas da universidade.

Contudo, algumas convidadas que também compunham a mesa como a parlamentar Maria do Socorro Pereira Cruz e a psicóloga Glaucia Benedita de Moraes Gomes, bem como algumas mulheres do auditório, se posicionaram e opinaram sobre a influência da cultura para a reprodução do ódio contra a mulher. Contestaram que apenas promover a segurança por meio de rondas não seria a solução. A forma que as mulheres são vistas quando estão nos espaços públicos ainda está ligada com o pensamento naturalizado de que elas, ao sofrerem algum tipo de violência, não deveriam estar em determinados lugares, em certos horários ou com as roupas que se vestiam. Concepções que corroboram a necessidade de culpabilização da vítima. Segundo Sousa (2017, p. 22):

[...] tem-se a impressão de que o estupro se deu muito mais por falta de cuidado da vítima por sair à noite, sozinha, tornando-se alvo fácil para o esturador, do que propriamente por culpa única e exclusiva do agressor. Tais construções confirmam a imagem de que o estupro é um caso isolado, que ocorre em determinadas situações devido muito mais à imprudência da vítima para com a própria segurança, do que, simplesmente, pela culpa do agressor. Constrói-se, então, a concepção de que determinados comportamentos, roupas, gestos fazem da mulher que os utiliza uma vítima em potencial ou não para o ato do estupro.

Observamos que se organizadas mais vezes, audiências/eventos que se relacionem com a possibilidade de diálogos sobre a condição de ser mulher, a violência de gênero e explanações de alternativas que desenvolvam o pensamento crítico e desconstruam paradigmas ultrapassados, existe, sim, uma demanda de pessoas na universidade interessada e engajada na promoção da igualdade.

Durante sua fala, a psicóloga Glaucia frisou a importância das mulheres se perceberem como sujeitos de direito. Ela nos retratou a realidade de muitas

mulheres que vivem em um ambiente hostil, em que passam por relacionamentos abusivos e esse status permanece mais ainda quando há filhos e desta forma, a autonomia se anula. A possibilidade de encontrar um emprego também é prejudicada, já que algumas mulheres deixam inclusive de estudar por conta de sua condição de dona de casa, mãe e esposa e também por ordens do patriarca. A mulher se vê em uma situação de subalternidade que aceita e pouco questiona sua própria condição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletimos, durante a análise das ementas das disciplinas e das entrevistas com acadêmicas, sobre como o curso de Licenciatura em Pedagogia, da UNEMAT câmpus de Sinop, muitas vezes se abstém dos debates relacionados às questões de gênero e diversidade. O protagonismo destes temas não é promovido, salvo quando o/a professor/a possui um engajamento político e, suas interpretações acerca das ementas da disciplina que ministrava, possibilitava a promoção dos debates em sala de aula. Problematizamos as disciplinas que, apesar dos conteúdos que apareciam em suas ementas, não abordavam as temáticas em questão no contexto da sala de aula.

A análise de ementas das disciplinas do curso de Licenciatura em Pedagogia mostrou que a universidade ainda é retrograda e isso se reflete na organização de conteúdos a serem estudados. Essas instituições precisam se atentar sobre as necessidades do mundo contemporâneo em relação às diversidades existentes na sociedade. As questões de gênero têm o seu lugar na dianteira de temáticas que são mais discutidas atualmente e que não se trata apenas de indagações do que faz um homem ser um homem ou uma mulher ser uma mulher, mas se trata da complexidade humana que até então não nos atentávamos e nem imaginávamos que está muito além de categorias rasas como o feminino e o masculino.

É preciso considerar que o currículo não é imparcial e tem os interesses dominantes envolvidos em sua estruturação. As questões de gênero precisam ser abordadas na universidade como uma ferramenta subversiva. Uma vez que não apenas o capitalismo e sua estrutura de classe oprime, mas as atribuições de gênero e também as raciais são opressoras e caminham justapostas. Trazer à tona

temáticas que abordam a estruturação social vigente e suas consequências na vida privada e coletiva, é decisivo para a formação da futura professora e para que a reflexão contínua seja possibilitada e, assim, avaliar a partir de sua própria realidade a relação de poder que está implícita na construção do currículo tal como está disposto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

APPLE, Michael. **Trabalho docente e textos**: economia política das relações de classe e de gênero em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GATTI, Bernadete. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2018.

GIRASSOL. **Girassol**: depoimento [29 jan. 2018]. Entrevistadora: Flávia Natayane dos Santos Lins. Sinop, MT, 2018. Gravação digital (5,03 MB). Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso sobre questões de gênero nas demandas curriculares do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Sinop.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MEC. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP Nº: 5/2005**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf>. Acesso em: 23 dez 2017.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. Edição do Kindle. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1993.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

OLIVEIRA, Regiane. **Machismo alimenta desigualdade social e traz prejuízo à economia**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/03/politica/1480721292_567932.html>. Acesso em: 30 jul. 2017.

RISTOFF, Dilvo. **A trajetória da mulher na educação brasileira**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/5710-sp-1216879868>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

ROSA. **Rosa**: depoimento [26 de jan.2018]. Entrevistadora: Flávia Natayane dos Santos Lins. Sinop, MT, 2018. Gravação digital (8,68 MB). Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso sobre questões de gênero nas demandas curriculares do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Sinop.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra as mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p.9-29. jan-abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2017000100009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 01 maio 2018.

UNEMAT. FAEL. Curso de Pedagogia. **Ementas do curso de pedagogia**. Sinop, 2018. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/site/faculdades/fael/curso-de-pedagogia/>>. Acesso em: 01 maio 2018.